

ORLANDA ISABEL SERÔDIO COMBO DIAS

RELAÇÃO ENTRE SENTIMENTOS DE HUMILHAÇÃO, EXPERIÊNCIAS EMOCIONAIS PRECOSES, AGRESSIVIDADE, VINGANÇA E TRAÇOS DE PARANOIA NA ADOLESCÊNCIA.



ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

**Dissertação de Mestrado em Psicologia
Clínica**

Área de Especialização em Terapias Cognitivo-
Comportamental

COIMBRA, 2018

**Relação entre sentimentos de humilhação,
experiências emocionais precoces, agressividade,
vingança e traços de paranoia na adolescência.**

ORLANDA ISABEL SERÔDIO COMBO DIAS

**Dissertação apresentada ao ISMT para obtenção do grau de
mestre em Psicologia Clínica – ramo de Terapias Cognitivo-
Comportamentais**

Orientadora: Professora Doutora Marina Cunha

Coimbra, setembro de 2018

Agradecimentos

À minha mãe, a minha guerreira, pelos esforços que fez e faz para a concretização dos meus sonhos... ao meu pai, a minha estrelinha, por me continuar a orientar, sempre!

Ao meu avô Armando, coração feito de açúcar e amor, um segundo pai pelo qual os meus olhos ainda brilham por saber que, embora de uma forma diferente, me protege.

À minha família por perceberem as minhas ausências, por me apoiarem incondicionalmente e partilharem comigo esta caminhada.

Ao Nuno... por ser o meu pilar e me acompanhar a cada passo que dou. Obrigada por me fazer acreditar e lembrar que vale a pena lutar pelos nossos sonhos!

À professora Marina Cunha pelo encorajamento, pelos momentos de partilha de experiência e conhecimento, pela sua disponibilidade para me acompanhar.

*“Oh Coimbra do Mondego
e dos amores que eu lá tive
quem te não viu anda cego
quem não te ama não vive.”*

Resumo

O aprofundamento da percepção da vivência de humilhação na população adolescente constitui-se como o tema principal do presente estudo. Pretende-se avaliar a relação entre este conceito e as experiências precoces negativas, vingança, traços de paranoia e agressividade, controlando ainda variáveis sociodemográficas.

A amostra deste estudo é composta por 268 adolescentes (134 do sexo masculino e 134 do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos de idade, a frequentar o 2º e 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário. Foi utilizado um questionário sociodemográfico, assim como um conjunto de questionários fidedignos de autorresposta para a avaliação das vivências de humilhação (*Humiliation Inventory*), das memórias emocionais negativas de infância (*Early Life Experience Scale*), da ideação paranoide (*General Paranoia Scale*), de sentimento de agressividade (*Agression Questionnaire*) e de vingança (*Vengeance Scale*).

Os principais resultados indicaram diferenças na comparação das variáveis em função do sexo, com o sexo feminino a manifestar mais vivências de humilhação, mais experiências de subordinação, agressividade verbal, raiva, hostilidade e crenças de paranoia. Por sua vez, o sexo masculino revelou mais comportamentos de agressividade física. Na globalidade, foi encontrado um padrão de correlações no sentido esperado entre as variáveis em análise. A Humilhação demonstrou uma relação moderada e positiva com as Experiências Precoces de Vida e com a Paranoia. Mostrou ainda uma correlação baixa negativa com a Agressividade, bem como não se mostrou associada à Vingança. O Modelo preditor da humilhação foi significativo e revelou o contributo único e independente dos sentimentos de agressividade-hostilidade, das experiências de subordinação na infância, da ideação paranoide, e, por último, da agressividade física.

Estes resultados pretendem contribuir para uma melhor compreensão da Humilhação, tendo em conta o seu impacto negativo no desenvolvimento atual e posterior do indivíduo. Uma melhor percepção deste fenómeno e o seu mapeamento na população adolescente pode ajudar na sua avaliação precoce, bem como no delineamento de estratégias preventivas e de intervenção mais eficazes na área da saúde mental das crianças e adolescentes.

Palavras chave: humilhação, experiências precoces negativas, vingança, traços de paranoia, agressividade.

Abstrat

The main object of this study is the deepening perception of the experience of humiliation in the adolescent population. This research intends to evaluate the relationship between this concept and the early negative experiences, revenge, traits of paranoia and aggressiveness, still controlling sociodemographic variables.

The sample of this study consists of 268 adolescents (134 males and 134 females), aged between 12 and 18 years old, attending 5th through 12th grades. A sociodemographic questionnaire was used, as well as a set of reliable self-response questionnaires to evaluate the experiences of humiliation (Humiliation Inventory), the negative emotional memories in childhood (Early Life Experience Scale), the paranoid ideation (General Paranoia Scale), the feelings of aggression (Aggression Questionnaire) and vengeance (Vengeance Scale).

The more significant results indicated differences in the comparison of variables according to gender, with females showing more experiences of humiliation, more experiences of subordination, verbal aggressiveness, anger, hostility and paranoid beliefs. In turn, males revealed more physical aggressive behaviors. Overall, a pattern of correlations was found in the expected direction among the variables under analysis. Humiliation has shown a moderate and positive relationship with Early Life Experiences and Paranoia. It has also showed a low negative correlation with Aggressiveness and was not associated with Vengeance. The Predictor model of humiliation was significant and revealed the unique and independent contribution of feelings of aggressiveness-hostility, experiences of subordination in childhood, paranoid ideation, and, finally, physical aggressiveness.

These results aim to contribute to a better understanding of Humiliation, taking into consideration its negative impact on the current and subsequent development of the individual. A better perception of this phenomenon and its mapping in the adolescent population can help in its early evaluation, as well as in the outlining of preventive and intervention strategies more effective in the mental health care of children and adolescents.

Keywords: humiliation, early negative experiences, revenge, traits of paranoia, aggression.

Índice

Enquadramento Teórico	2
Metodologia	5
Amostra	5
Instrumentos de Medida	5
Procedimentos	8
Análise e tratamento de dados	9
Resultados	10
Valores médios dos instrumentos de medida e exploração do possível efeito de variáveis sociodemográficas (sexo, idade e escolaridade)	10
Análise do grau de associação entre as variáveis em estudo	12
Análise dos preditores dos sentimentos de humilhação	14
Discussão	15
Conclusão	19
Referências Bibliográficas	21
Apêndices	28

Enquadramento Teórico

O ser humano, enquanto espécie social, evoluiu ao longo dos tempos no sentido de se tornar sensível às respostas que dá ao meio. Uma das evoluções ocorreu ao nível do sistema de processamento de informação social, usado para interpretar e responder a estímulos sociais externos e internos relativos ao eu (emoções, pensamentos e comportamentos) (Castilho, Gouveia & Amaral, 2010). Gilbert (2005) sugere que a relação que cada pessoa estabelece consigo própria não é genuinamente autónoma e independente, visto que, os diferentes estilos que vão sendo adotados pelo Eu ao longo do seu desenvolvimento, são influenciados pelas competências aprendidas e observadas na relação com o outro. A internalização de um conjunto de vivências precoces na relação, fundamentalmente, com os seus cuidadores, conduz à formação de um padrão de expectativas, emoções e comportamentos relacionais que persistem ao longo da vida e que podem ditar o modo como a pessoa se relaciona consigo própria (Gilbert & Irons, 2005). À luz deste enquadramento teórico, experiências precoces negativas (e.g., sentimentos de subordinação, de ameaça, desvalorização, humilhação) tendem a produzir consequências negativas, fazendo com que os indivíduos adotem comportamentos que visam promover a sua segurança, o que diminui oportunidades de relações de crescimento individual e relacional, podendo conduzir a inúmeras formas de problemas psicológicos ou comportamentais (Hartling & Luchetta, 1999).

A vivência de humilhação pode ser considerada uma fonte significativa de desconexão relacional que ocorre no seio de relações de desigualdade, onde o humilhador, encorajado por sentimentos de poder, ganha predomínio sobre a vítima. Neste sentido, a humilhação diz respeito a duas formas diferentes de experiência, o ato de humilhar e de ser humilhado, devendo ser diferenciada do sentimento de vergonha. Enquanto a primeira está mais voltada para um evento interpessoal, interação na qual um indivíduo é forçado a uma posição imposta por alguém, que naquele momento, se destaca por uma posição superior, a vergonha refere-se a uma reflexão sobre si mesmo, um processo interno de avaliação negativa (Hartling & Luchetta, 1999).

Por sua vez, à semelhança do processo de internalização das vivências precoces, também os comportamentos agressivos praticados pelos adolescentes, relacionados com conflitos despertados e influenciados pelo ambiente interpessoal do jovem, são aprendidos, fortalecendo os impulsos agressivos (Guimarães & Pasian, 2006). Muitas

vezes estes impulsos, desencadeados por frustrações e falta de capacidade de autocontrolo do adolescente e, por outro lado, motivados por condições sociais específicas podem ocasionar comportamentos de risco psicossocial, atos considerados dolorosos pelo sujeito, como provocações interpessoais. Ao falar destes comportamentos referimo-nos a atos como roubos, brigas de rua, bebedeiras e transgressões sociais (Kashani & Shepperd, 1990; Meneghel, 1998). Os comportamentos agressivos estão diretamente relacionados com crenças sobre agressões e problemas de ajustamento. A teoria do processamento de informação social propõe a existência de diferentes estilos de processamento que influenciam a tomada de decisão nas interações sociais onde se verifica que jovens agressivos perseguem objetivos sociais mais negativos ou inadequados à situação, como a procura de vingança em vez da luta pela reconciliação (Jäggi & Kliwer, 2016).

Naturalmente, a adolescência tem sido definida como o período de desenvolvimento onde a tarefa fundamental de exploração e formação de identidade (Erikson, 1968), é amplamente influenciada por preocupações com a imagem, suporte de amigos e pela pressão dos pares (Prinstein, Boergers & Vernberg, 2001; Steinberg, 2005). Pensamentos de vingança podem surgir devido a acontecimentos que podem ocorrer em contextos onde essa identidade em construção é ameaçada, sendo que o pretendido será proteger a sua reputação perante os outros (Copeland-Linder, Johnson, Haynie, Chung, & Cheng, 2012).

Várias podem ser as estratégias utilizadas para combater as ameaças sociais percebidas, contudo, é em relação à intensidade e frequência das estratégias utilizadas que se pode diferenciar um padrão normal do patológico, visto que muitas delas são consideradas respostas adaptativas (Carvalho, Motta, Cabral & Caldeira, 2015). A ideação paranoide pode ser uma das possíveis estratégias a utilizar, apresentando-se como um mecanismo de defesa do eu às ameaças percecionadas no meio. Por outras palavras, pode funcionar como uma forma de defesa social dos indivíduos, utilizada quando estes sentem a necessidade de se defenderem em contextos onde percecionam ameaças (Pereira, 2012). Tem sido demonstrado que quando um indivíduo é exposto a acontecimentos de vida negativos, destacando-se as experiências precoces de vinculação, poderá aumentar o possível surgimento de ideações paranoides sobre a realidade do jovem, bem como a manifestação de comportamentos agressivos (Kramer, 1998, cit. In Carvalho, 2009).

Vários estudos têm sido realizados de forma a analisar o impacto que a humilhação pode ter sobre um indivíduo. Na sua maioria, considera-se que esta vivência é prejudicial levantando questões individuais e sociais de quem as sofre, conduzindo a consequências psíquicas danosas (Klein, 1991; Lewis, 1992; Nesbit & Karagiabis, 1987). A humilhação tem sido avaliada como uma estratégia de controlo social que mina o sentido de identidade do indivíduo (Silver, Conte, Miceli e Poggi, 1986). Outros estudos identificam a natureza violenta da humilhação que afeta a auto-estima individual e relações interpessoais (Hartling & Luchetta, 1999).

O objetivo geral desta investigação é contribuir para uma melhor compreensão na diferenciação dos sentimentos de humilhação, vingança e traços de paranoia na adolescência e a sua relação com as experiências emocionais precoces, controlando ainda variáveis sociodemográficas como sexo, idade e escolaridade. Este estudo visa avaliar, em adolescentes, a relação entre as experiências precoces negativas e a vivência de humilhação. Paralelamente irá ser estudada a relação da humilhação com as variáveis agressividade, vingança e paranoia. Por último será ainda explorado o modelo preditivo da humilhação, analisando o contributo único e independente de cada uma das variáveis em estudo.

De acordo com a revisão da literatura, espera-se que a ocorrência de experiências precoces negativas esteja associada positivamente a níveis mais elevados de humilhação e que estes estejam associados a níveis mais elevados de comportamentos agressivos, vingança e paranoia. Trata-se de uma investigação transversal, de natureza quantitativa correlacional, visto que a avaliação decorre num único momento onde se procura estudar a associação entre variáveis, controlando o efeito de outras.

Consideramos ainda que um esclarecimento acerca destas relações poderá ter um impacto positivo nas estratégias preventivas ou de intervenção que visem promover o ajustamento psicossocial dos adolescentes, já que o fenómeno de humilhação é frequente e com efeitos nocivos ao nível do desenvolvimento do indivíduo.

Metodologia

Amostra

A amostra deste estudo é composta por 268 adolescentes (134 do sexo masculino e 134 do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos de idade ($M=15,28$; $DP=1,758$), a frequentar o 2º e 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário (alunos do 7º ao 12º ano) ($M=9,74$; $DP=1,56$), de escolas públicas e privadas, localizadas em meio urbano e rural na zona centro.

Os indivíduos do sexo masculino e feminino desta amostra diferem significativamente no que respeita à idade ($t_{(266)}= 3,70$; $p < 0,001$) e aos anos de escolaridade ($t_{(266)}= 3,19$; $p= 0,002$). Os jovens do sexo masculino são mais velhos ($M= 15,66$; $DP= 1,73$) e com mais anos de escolaridade ($M= 10,04$; $DP= 1,55$), comparativamente com o sexo feminino (Idade: $M= 14,89$; $DP= 1,70$ e escolaridade: $M= 9,44$; $DP=1,52$).

Instrumentos de Medida

Para a recolha dos dados necessários para o desenvolvimento do presente estudo, o protocolo de investigação ficou composto por um breve questionário sociodemográfico e cinco escalas de forma a poder medir as variáveis pretendidas, sendo elas: Escala de Experiências Precoces de Vida para Adolescentes, Inventário de Humilhação, Questionário de Agressividade, Escala Geral de Paranoia e a Escala de Vingança. Segue-se uma breve descrição de cada uma destas medidas de autorrelato.

Escala de Experiências Precoces de Vida para Adolescentes (*Early Life Experiences Scale* - ELES-A; Gilbert, Cheung, Granfield., Campey & Irons, 2003; versão portuguesa para adolescentes: Pinto-Gouveia, Xavier, & Cunha, 2016). É um instrumento de autorresposta que avalia a recordação de sentimentos de ameaça e subordinação na interação precoce com a família. Esta escala é constituída por 15 itens distribuídos por três subescalas: Ameaça (6 itens), que avalia as memórias de perceção de ameaça vividas na relação com os pais (e.g., “Quando os meus pais ficavam zangados,

havia muito pouco que poderia fazer para controlar a raiva deles.”); Subordinação (6 itens), que avalia os sentimentos de subordinação e o ter que se comportar de forma submissa para evitar conflitos com os pais (e.g., “Em minha casa tinha que ceder frequentemente perante os outros.”) e Desvalorização (3 itens que ao serem invertidos) avaliam os sentimentos de desvalorização, de não ser aceite ou apreciado no seio da família (e.g., “Sentia-me um membro em “pé de igualdade” com os outros membros da família.”). Os participantes respondem de acordo com uma escala de cinco pontos (1= “completamente falso”; 5 = “muito verdadeiro”), a qual classifica a frequência e grau de veracidade de cada afirmação relativamente à sua infância (Gilbert et al., 2003; Pinto-Gouveia, Xavier & Cunha, 2016). Os resultados elevados correspondem a níveis elevados de experiências precoces de ameaça, subordinação e desvalorização no contexto familiar.

A escala original é constituída pelos seguintes alfas de Cronbach: de 0,89 para a subescala de “ameaça”, 0,85 para a subescala “subordinação”, 0,71 para a “desvalorização” e 0,92 para a escala total (Gilbert et al., 2003). A versão Portuguesa mostrou uma boa fidedignidade numa amostra de adolescentes (alfa de Cronbach de 0,82), (Pinto-Gouveia, Xavier & Cunha, 2016). No presente estudo, a escala total e as subescalas apresentaram uma fidedignidade adequada, exibindo os seguintes valores: 0,88, 0,84, 0,77 e 0,75 para a pontuação total, “ameaça”, “subordinação” e “desvalorização”, respetivamente.

Inventário de Humilhação (*Humiliation Inventory- HI*; Hartling & Luchetta, 1999; versão portuguesa de Francisco Cardoso & Ana Ramos, 2014). É um inventário de auto-relato que avalia a experiência interna de humilhação. É composto por 32 itens divididos, na escala original, em duas subescalas, Humilhação Cumulativa (12 itens) e Medo da Humilhação (20 itens). Os participantes respondem de acordo com uma escala tipo Likert de cinco pontos. A versão original apresentou um alfa de Cronbach de 0,96 (Hartling & Luchetta, 1999).

No estudo das qualidades psicométricas da versão portuguesa, nomeadamente na sua estrutura fatorial, surge uma terceira subescala para além dos dois fatores previamente apontados. Assim, os 32 itens na versão portuguesa, ficam distribuídos da seguinte forma: Humilhação Cumulativa (12 itens) a qual identifica a gravidade com que os sujeitos se sentiram afetados por um dado evento de vida (e.g. “Ao longo da tua vida, com que intensidade sentiste que os outros(as) fizeram troça de ti?”); Medo de Humilhação

(11 itens) os que avaliam o medo de ser objeto de comportamento humilhante, medo da expressão-emoção (e.g. “Neste momento da tua vida, quanto receias vir a ser desprezado(a)?” e Preocupação com a Humilhação (9 itens), refere-se à avaliação do aspeto cognitivo do pensamento persistente e recorrente (e.g. “Neste momento da tua vida, qual o teu grau de preocupação relativamente a que façam troça de ti?”).

Esta escala apresentou bons índices de consistência interna no presente estudo, uma vez que o alfa de Cronbach foi de 0,97 para a pontuação total, 0,94 para a “humilhação cumulativa”, 0,95 para o “medo de humilhação” e 0,91 para a “preocupação com a humilhação”. Quanto maior é a pontuação obtida neste instrumento, maior é a vivência de humilhação.

Questionário de Agressividade (*Aggression Questionnaire- AQ*; Buss & Perry, 1992; tradução e adaptação de Lopes, B. & Pinto-Gouveia, J., 2005). O AQ mede as componentes da agressividade temperamental. É composto por 29 itens, divididos em quatro subescalas: agressividade física- AF (e.g. “De vez em quando não consigo controlar o impulso de bater noutra pessoa.”), agressividade verbal- AV (e.g. “Discordo muitas vezes com as pessoas.”), raiva- R (e.g. “Quando me sinto frustrado(a), deixo mostrar a minha irritação.”) e hostilidade- H (e.g. “Às vezes fico consumido(a) pelos ciúmes que tenho.”). Cada item é cotado numa escala de cinco pontos (1- Tem muito a ver comigo e 5- Não tem nada a ver comigo). De notar que, neste questionário, quanto maior é a pontuação, menor é a agressividade.

A escala original revela um alfa de Cronbach de 0,89 (Buss & Perry, 1992) e a versão portuguesa revelou um alfa de Cronbach de 0,88, mostrando desta forma uma boa consistência interna (Lopes, 2010). No presente estudo o alfa de Cronbach para a escala total foi de 0,91, tendo sido obtidos valores de 0,87, 0,58, 0,74 e 0,81 para as subescalas de “agressividade física”, “agressividade verbal”, “raiva” e “hostilidade”, respetivamente.

Escala Geral de Paranoia (*General Paranoia Scale- GPS*; Fenigstein & Vanable, 1992; tradução e adaptação portuguesa de Lopes, B. & Pinto-Gouveia, J. 2005). Esta medida de auto-relato, constituída por 20 itens, avalia a paranoia, nomeadamente as seguintes características: a crença de que outra pessoa, ou uma influência externa está a comandar os seus pensamentos e comportamentos; a crença de uma conspiração contra si próprio; a crença de estar a ser espiado ou de estarem a falar negativamente de si pelas costas; uma suspeita geral relativamente aos outros e uma falta

de confiança nas pessoas; e a presença de sentimentos de ressentimento. Cada item é respondido numa escala de 5 pontos. A pontuação varia entre 20 e 100 pontos, com valores mais altos a indicar maior ideação paranoide (Freeman, et al.,2005).

A versão original apresentou uma boa consistência interna, com um alfa de Cronbach de 0,84 (Fenigstein & Vanable, 1992). Já a versão Portuguesa apresentou um alfa de Cronbach de 0,91 (Pinto-Gouveia, Matos, Castilho, & Xavier, 2012). Relativamente ao nosso estudo, a escala total apresentou o mesmo alfa de Cronbach da versão Portuguesa ($\alpha = 0,91$).

Escala de Vingança- Vengeance Scale- EV-A: (versão original de Stuckless & Goranson, 1992). Esta escala permite avaliar as diferentes atitudes individuais em relação à vingança. É constituída por 20 itens, onde os participantes são questionados em que medida concordam com as afirmações apresentadas numa escala de sete pontos (1 = discordo fortemente; 7 = concordo fortemente). Quanto maior é a pontuação, maior é o nível de atitudes de vingança.

A versão original apresentou uma boa consistência interna, com um alfa de Cronbach de 0,92 (Coelho et al., 2018). No nosso estudo apresentou igualmente uma consistência interna adequada, com um alfa de Cronbach 0,88.

Questionário sociodemográfico. Este questionário foi elaborado para esta investigação com o intuito de recolher dados sociodemográficos dos participantes para serem posteriormente relacionados com as demais variáveis em estudo. Os dados recolhidos foram os seguintes: sexo, idade e anos de escolaridade. Em nenhum local foram pedidos dados que pudessem identificar os participantes (APÊNDICE 1).

Procedimentos

A seleção da amostra foi realizada junto de escolas que, após serem contactadas, aceitaram colaborar com o presente estudo. No total, foram contempladas três escolas e uma instituição desportiva, sendo que na maioria dos casos a aplicação foi feita pelos professores após reunião com a investigadora.

O protocolo foi aplicado aos adolescentes, de forma individual ou em grupo, consoante a disponibilidade e dinâmica das respetivas instituições. Em conformidade com

os requisitos éticos foi salientado que a cooperação dos participantes era voluntária e que as suas respostas e identidades seriam mantidas em sigilo e apenas usadas para o propósito do estudo.

Análise e tratamento de dados

Após a recolha da amostra (superior a 30 indivíduos) cada protocolo foi numerado de forma aleatória, atribuindo-lhes um número de identificação. Posteriormente, os dados foram inseridos no programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 25.0, procedendo à análise dos mesmos, através de diversos procedimentos estatísticos. No presente estudo foram tidas em conta as diferenças estatisticamente significativas, sendo todos os valores com níveis de significância inferiores 0,05 (Howell, 2006).

A consistência interna de cada instrumento de medida foi calculada através do coeficiente de alfa de Cronbach, considerada uma adequada estimativa de fidelidade de um teste (Marôco, 2018).

Foi utilizado o Teste t de amostras independentes para analisar as diferenças entre os valores médios em função do sexo (Pestana & Gageiro, 2008).

Em relação aos coeficientes de correlação de Pearson, utilizados para estabelecer associações entre as variáveis contínuas, utilizamos o critério de Pestana e Gageiro (2005) para classificar o tamanho das mesmas. Segundo estes autores, valores de $r < 0,2$ sugerem uma associação muito baixa; valores entre 0,2 e 0,39 uma associação baixa; valores entre 0,4 e 0,69 uma associação moderada; valores entre 0,7 e 0,89, uma associação alta e, por último, valores iguais ou superiores a 0,9 traduzem uma associação muito alta.

No estudo das variáveis preditoras da humilhação, foi utilizada a Análise de Regressão Linear Múltipla, depois de verificados os seus pressupostos de base (tamanho da mostra, distribuição normal dos dados e análise da multicolineariedade, descritas no respetivo estudo). Todas as variáveis independentes apresentaram valores de tolerância superiores a 0,10 e VIFs inferiores a 10, recomendáveis para o prosseguimento da análise (Tabachnick & Fidell, 2007). O pressuposto de normalidade foi analisado através do teste de Kolmogorov-Smirnov e, embora nem todas as variáveis sigam uma distribuição normal, apresentaram valores de assimetria e de achatamento aceitáveis de acordo com

Kline (2005). Segundo este autor valores de assimetria $|<3|$ e de achatamento $|<10|$ não são indicadores de graves enviesamentos.

Resultados

Valores médios dos instrumentos de medida e exploração do possível efeito de variáveis sociodemográficas (sexo, idade e escolaridade)

Na Tabela 1 são apresentados os resultados médios das variáveis em estudo obtidos quer no total da amostra, quer em função do sexo.

Tabela 1.

Resultados médios das variáveis em estudo para o total da amostra e comparação entre os sexos com indicação do tamanho do efeito

	Total (N=268) M (DP)	Masculino (N=134) M (DP)	Feminino (N=134) M (DP)	Teste t		Eta²
				t	p	
Humilhação	63,97 (23,76)	56,37 (21,12)	71,57 (23,90)	-5,52	<0,001	0,10
Humilhação cumulativa	25,14 (9,72)	22,60 (8,63)	27,68 (10,10)	-4,43	<0,001	0,07
Medo de humilhação	20,13 (9,10)	17,81 (7,77)	22,44 (9,76)	-4,30	<0,001	0,06
Preocupação com humilhação	18,71 (7,95)	15,96 (7,06)	21,46 (7,85)	-6,02	<0,001	0,12
ELES-A	31,74 (10,45)	31,13 (9,67)	32,34 (11,18)	-0,94	0,347	–
Ameaça	11,40 (5,07)	11,61 (4,95)	11,19 (5,20)	0,70	0,493	–
Subordinação	13,14 (4,71)	12,40 (4,40)	13,88 (4,91)	-2,61	0,010	0,02
Desvalorização	7,20 (3,03)	7,13 (3,19)	7,27 (2,83)	-0,38	0,703	–
AQ-A	98,06 (18,16)	101,58 (18,34)	94,54 (18,57)	3,13	0,002	0,04
Agressividade física	34,61 (7,66)	33,61 (7,35)	35,61 (7,86)	-2,15	0,032	0,02
Agressividade verbal	15,08 (3,42)	15,60 (3,37)	14,56 (3,40)	2,53	0,012	0,02
Raiva	22,84 (5,40)	24,57 (5,18)	21,10 (5,10)	5,56	<0,001	0,10
Hostilidade	25,53 (6,88)	27,79 (6,42)	25,27 (6,60)	5,70	<0,001	0,11
GPS-A	47,42 (13,85)	44,19 (12,58)	50,66 (14,35)	-3,93	<0,001	0,05
EV-A	64,61 (19,15)	66,23 (18,97)	62,99 (19,27)	1,40	0,166	–

Nota: ELES-A= Early Life Experiences Scale; AQ-A= Aggression Questionnaire; GPS-A= General Paranoia Scale; EV-A= Escala de Vingança (Versão Adolescentes)

Tal como se pode observar (Tabela 1), existem diferenças estatisticamente significativas entre os sexos em muitas das variáveis em estudo. Concretamente, o sexo feminino pontua significativamente mais que o masculino em todas as dimensões associadas à humilhação, na dimensão de subordinação e sentimentos/comportamentos gerais de paranoia. Apresenta ainda valores médios mais elevados nas variáveis relacionadas com a agressividade. Contudo, relativamente à variável agressividade medida por este instrumento é importante relembrar que quanto maior é a média, menor é o nível de agressividade. Assim sendo, neste estudo as raparigas apresentam mais sentimentos de humilhação, mais sentimentos de subordinação, de ideação paranoide e mais sentimentos de agressividade, quer na globalidade, quer verbal, quer manifestada sob a forma de raiva ou hostilidade. Por sua vez, os rapazes apresentam significativamente mais agressividade física, comparativamente com as raparigas. Ao avaliar a magnitude das diferenças encontradas entre as médias, através do cálculo do η^2 , e de acordo com os valores de referência reportados por Cohen (1992), o tamanho do efeito encontrado é “moderado” (no caso das variáveis associadas à humilhação, raiva e hostilidade e “pequeno” no caso da subordinação, agressividade física, agressividade verbal e paranoia.

Não se encontram diferenças significativas entre os sexos nas restantes dimensões da “ELES” (“ameaça” e “desvalorização”) e na variável “vingança”.

Relativamente à forma como as variáveis em estudo estão associadas com a idade e escolaridade, na Tabela 2 são apresentados os resultados.

Tabela 2.

Associação entre as variáveis em estudo, idade e escolaridade.

	Idade	Anos de Escolaridade
Total Humilhação	-0,10	-0,11
Total ELES-A	-0,12*	-0,17**
Total AQ-A	0,11	0,20**
Total GPS-A	-0,14*	-0,16*
Total EV-A	-0,03	-0,12*

Nota: ELES-A= *Early Life Experiences Scale*; AQ-A= *Aggression Questionnaire*; GPS-A= *General Paranoia Scale*; EV-A= *Escala de Vingança (Versão Adolescentes)*

** . A correlação é significativa no nível 0.01 (2 extremidades).

* . A correlação é significativa no nível 0.05 (2 extremidades).

Verificou-se, em relação à Idade, que não existe uma associação significativa entre esta e as restantes variáveis, à exceção das Experiências Precoces de Vida (ELES-A e da Paranoia (GPS-A). Contudo, o efeito destas associações é muito baixo pelo que deve ser negligenciado.

Um padrão semelhante foi encontrado relativamente aos Anos de Escolaridade, acrescentando-se apenas uma relação significativa (associação baixa e positiva) entre esta variável e a Agressividade (AQ-A).

Análise do grau de associação entre as variáveis em estudo

As Correlações de Pearson entre as variáveis em estudo são expostas na Tabela 3, os seus valores indicam a força da relação entre as mesmas.

Tabela 3.

Associação das variáveis em estudo (N = 268)

Variáveis	Total Humilhação	Total ELES-A	Total AQ-A	Total GPS-A	Total EV-A
Total Humilhação	1				
Total ELES-A	0,442**	1			
Total AQ-A	-0,28**	-0,513**	1		
Total GPS-A	0,548**	0,587**	-0,651**	1	
Total EV-A	0,109	0,326**	-0,469**	0,377**	1

Nota: ELES-A= Early Life Experiences Scale; AQ-A= Aggression Questionnaire; GPS-A= General Paranoia Scale; EV-A= Escala de Vingança (versão Adolescentes).

***.* A correlação é significativa no nível 0.01 (2 extremidades).

**.* A correlação é significativa no nível 0.05 (2 extremidades).

Foram encontradas correlações significativas, as que serão elencadas, de acordo com o sentido (positivo ou negativo) e tamanho da associação.

A Humilhação demonstrou uma relação moderada e positiva com as Experiências Precoces de Vida (ELES-A) e com a Paranoia (GPS-A). Mostrou ainda uma correlação baixa negativa com a Agressividade, bem como não se mostrou associada à vingança.

Por sua vez, as Experiências Precoces de Vida (ELES-A) revelaram uma associação positiva moderada, por ordem de grandeza, com a paranoia, com a humilhação e com vingança. Evidenciaram também uma correlação negativa moderada com a agressividade).

A agressividade mostra uma correlação negativa e moderada com a paranoia, com as experiências precoces adversas, com a vingança e uma associação baixa com a humilhação. Na interpretação do sentido da correlação entre a agressividade e as diversas variáveis é importante ter em conta que pontuações mais elevadas de agressividade correspondem a níveis menores de agressividade (o que explica o sentido negativo da correlação). O mesmo é dizer, neste caso, que quanto maior é o nível de agressividade

(menores pontuações), maior é o nível de paranoia, de experiências precoces adversas, de sentimentos de vingança e de humilhação.

Análise dos preditores dos sentimentos de humilhação

Com base nas dimensões em estudo, realizámos uma análise de regressão linear múltipla para compreender qual o conjunto de variáveis que melhor contribui para a vivência de humilhação nos adolescentes. Nesse sentido foram utilizadas as experiências emocionais negativas precoces (experiências de desvalorização, de ameaça e de subordinação na relação com os pais), características individuais relativas a traços de agressividade (agressividade física, verbal, raiva e hostilidade), de traços de paranoia e sentimentos de vingança, por esta ordem de entrada, como preditores (variáveis independentes) e as vivências de humilhação como variável critério (variável dependente). Procurámos ainda controlar a variável sexo, fazendo-a entrar no primeiro bloco da análise de regressão linear, depois de previamente transformada numa variável *dummy*, uma vez que se tinha encontrado uma diferença significativa entre os sexos relativamente à variável humilhação. No segundo bloco forçámos a entrada das variáveis relativas às experiências emocionais negativas de infância, no terceiro foram acrescentadas as variáveis associadas à agressividade, no quarto foi acrescentada a paranoia enquanto traço e no último bloco fizemos entrar a variável respeitante à vingança.

O modelo de predição é significativo $r^2 = 0,45$; $F(10, 267) = 20,87$; $p < 0,001$, explicando as variáveis predictoras 45% da variância dos sentimentos de humilhação (Tabela 4). Os sentimentos de agressividade-hostilidade emergem como o melhor preditor global ($\beta = -0,33$; $p < 0,001$), seguindo-se as experiências de subordinação na infância ($\beta = 0,24$; $p = 0,001$), o traço de paranoia ($\beta = 0,19$; $p = 0,016$) e, por último, a agressividade física ($\beta = 0,17$; $p = 0,016$).

Tabela 4.

Análise de Regressão Hierárquica Múltipla

Sentimentos de humilhação							
Preditores	<i>r</i>	<i>r</i> ²	<i>F</i>	<i>P</i>	<i>B</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
	0,67	0,45	20,87	< 0,001			
Sexo					0,09	1,65	0,101
ELES-A							
Desvalorização					-0,01	-0,12	0,908
Ameaça					0,04	0,58	0,560
Subordinação					0,24	3,36	0,001
AQ-A							
Agres. Física					0,17	2,42	0,016
Agres. Verbal					0,04	0,77	0,442
Raiva					-0,07	-0,97	0,332
Hostilidade					-0,33	-4,07	< 0,001
GPS-A					0,19	2,43	0,016
EV-A					-0,03	-0,43	0,668

Nota: ELES-A= Early Life Experiences Scale; AQ-A= Aggression Questionnaire; GPS-A= General Paranoia Scale; EV-A= Escala de Vingança (versão Adolescentes).

Discussão

Dado que a Humilhação poderá ser considerada como uma emoção transversal a todos os seres humanos, sentida desde a adolescência (Nakayama, 1996 cit. in Alencar & La Taille, 2007), e tendo em conta o facto de as experiências precoces poderem moldar vivências ou sentimentos associados, como agressividade, ideação paranoide ou sentimentos de vingança, julgamos importante aprofundar este tema no sentido de promover estratégias de prevenção ou de intervenção úteis para fazer face a estes desafios.

Neste sentido, o presente estudo visa avaliar a relação entre as experiências precoces negativas e a vivência de humilhação, controlando ainda a agressividade, vingança e ideação paranoide, variáveis significativas em múltiplos contextos do desenvolvimento. Uma vez que a adolescência é consensualmente reconhecida como uma fase de mudanças e desafios, onde estes sentimentos são frequentes e com um forte

impacto no desenvolvimento atual e futuro do jovem, optámos intencionalmente por realizar esta investigação numa amostra de adolescentes. De acrescentar ainda que a investigação é escassa, quando comparada com a realizada em adultos o que reforçou esta opção.

Ao analisar primeiramente a amostra em estudo deparamo-nos com um tamanho adequado e equilibrada em termos da distribuição por sexo. Verificou-se uma diferença de idade e escolaridade em função do sexo, sendo que os rapazes são mais velhos e com mais anos de escolaridade. De notar que a idade e a escolaridade apenas apresentaram uma correlação significativa muito baixa (marginal) com as variáveis em estudo.

No estudo comparativo das diversas variáveis em função do sexo, a presente investigação demonstrou que as raparigas apresentaram mais vivências de humilhação na globalidade (total), quer ainda na sua forma cumulativa, de medo de ser alvo de humilhação, bem como relativamente à preocupação de serem humilhadas. Apresentaram também mais sentimentos e comportamentos de submissão para evitar conflitos com os pais, mais crenças de desconfiança e paranoia em relação aos outros, mais comportamentos reveladores de agressividade (total) e na forma de agressividade verbal, raiva e hostilidade, quando comparados com os rapazes. Por sua vez estes manifestaram mais comportamentos de agressividade física, comparativamente às raparigas. A manifestação de comportamentos de vingança não se distinguiu entre os rapazes e raparigas.

Relativamente à humilhação, e de acordo com a literatura estudada, o tipo de violência mais investigada é a violência física, sendo que são poucos os estudos que procuram investigar a violência psicológica (Jackson, 1999), onde a humilhação pode ser incluída (Camacho, 2000). No que diz respeito ao sexo, os estudos apontam para o facto do sexo masculino se envolver mais em situações de violência, seja como vítima ou autor. No entanto, estes dados podem dever-se aos estudos efetuados durante anos, limitados à população masculina (Leschied et al., 2001). Posteriormente, estudos apontam que ambos os sexos apresentam igual probabilidade de se tornarem vítimas (Sánchez Santa- Bárbara, 2005).

Contrariamente ao que seria esperado, uma vez que um nível mais elevado de comportamentos agressivos têm sido associados aos rapazes, no nosso estudo a dimensão Agressividade (AQ-A) foi mais pontuada pelo sexo feminino. De acordo com a literatura

são vários os estudos que mostram que o padrão agressivo é mais comum no sexo masculino (Breslow & cols., 1999; Storvoll & Wichstrom, 2002; Tremblay, 2000; Piko, 2001) mas será na infância que existe uma prevalência superior (duas a três vezes mais frequente) (Maughan et al., 2004), visto que durante a adolescência a proporção torna-se aproximadamente igual, (Silverthorn, 2001; Angold & Costello, 2001). Aponta-se para o facto de o sexo masculino utilizar mais agressão física, sendo que as meninas quando agressoras utilizam mais meios de agressão indireta ou verbal (e.g. boatos, exclusão dos outros e a divulgação de histórias humilhantes) (Jankauskiene, 2008; Nansel, 2001; Pereira, 2009).

No que respeita às experiências precoces adversas, os nossos resultados vão de encontro aos reportados na literatura, encontrando apenas diferenças na forma como os rapazes e raparigas percebem as experiências de ameaça no contexto familiar, apresentando o sexo masculino uma maior tendência para perceber os seus pais como mais dominantes, hostis e ameaçadores, comparativamente ao sexo feminino (Pinto-Gouveia, et al, 2016). De acrescentar ainda que, de acordo com outros estudos, os rapazes tendem a perceber níveis mais elevados de rejeição por parte do pai e sobreproteção pela mãe, enquanto o sexo feminino a perceber mais comportamentos emocionais calorosos (Muris et al. 2003, Roelofs et al., 2006).

No respeitante à relação entre o sexo e os traços de paranoia, a literatura não chega a um entendimento, uma vez que são vários os estudos que revelam resultados mistos quanto ao papel do sexo masculino e feminino (Johns, et al., 2004; Forsell & Henderson, 1998), verificando-se ainda estudos onde não foi encontrada qualquer diferença entre sexos (Freeman, et al., 2005). Contudo, é de notar que no estudo de Freeman et al (2005) foi encontrada uma associação significativa entre paranoia e exibição de comportamentos submissos, sugerindo que os indivíduos que relataram experiências não-clínicas paranoides também relataram memórias de infância relacionadas com experiências de familiares ameaçadores e, por sua vez, de submissão aos pais.

No que respeita ao estudo da forma como a humilhação está associada a outras variáveis relacionadas com experiências precoces ou com sentimentos/vivências semelhantes, como agressividade, paranoia e vingança, a literatura demonstra que os indivíduos que relatam uma maior vivência de Experiências emocionais negativas caracterizadas por uma relação com os familiares de negligência, abuso físico ou

psicológico, sentimentos de insegurança e de falta de afeto (Bennett, Sullivan, & Lewis, 2005) e traços de Paranoia como falta de remorsos, impulsividade, frieza, insensibilidade, bem como elementos comportamentais, como conduta impulsiva, antissocial e até criminosa (Farrington, 2005; Salekin, 2000; Salekin, 2006), evidenciam também níveis mais altos de sentimentos de humilhação. Estes resultados estão em consonância com estudos que mostraram que vivências negativas de infância podem ser consideradas preditores da forma como o sujeito lidará com sentimentos de humilhação e de vergonha futuros (Pinto-Gouveia & Matos, 2011). Estes acontecimentos, na infância ou adolescência, influenciam a visão que o sujeito tem de si mesmo e na maneira como os outros o vêem a si, sendo que muitas das vezes, este tipo de visão está relacionada com comportamentos delinquentes (Stuewig & McCloskey, 2005).

Corroborando a ideia acima referida, no nosso estudo foi encontrada uma relação entre as Experiências Precoces de Vida, a ideação Paranoide e a Agressividade. Assim, os resultados parecem indicar que as experiências negativas vividas na infância, no seio familiar, constituem-se como um peso fundamental na construção do sujeito, com impacto no seu funcionamento humano, estando relacionadas com o desenvolvimento de psicopatologia (Matos & Pinto-Gouveia, 2009; Pinto-Gouveia & Matos, 2011).

Salientamos ainda a relação encontrada entre a Agressividade e a Humilhação, pela qual podemos supor que os indivíduos que apresentam maior número de comportamentos agressivos relatam maiores níveis de sentimentos de Humilhação. A agressão tem sido entendida como uma conduta socialmente determinada, podendo ser despoletada por condições sociais específicas, e por isso, os impulsos agressivos podem ser desencadeados por frustrações (Minayo, 1990, cit. in Meneghel, 1996).

Por último, o nosso estudo também pretendeu compreender qual o conjunto de variáveis que melhor explicava a variância de humilhação, identificando o contributo único e independente da cada uma das variáveis. Assim, no presente caso, os indivíduos que são mais agressivos/hostis, que apresentam mais memórias negativas de subordinação na relação com os pais durante a infância e adolescências, que têm mais crenças de desconfiança e insegurança em relação aos outros e que apresentam menos comportamentos fisicamente agressivos, são os que manifestam igualmente mais vivências de humilhação. Estes resultados estão em linha com os dados apontados anteriormente, clarificando o peso de cada uma das variáveis. De notar, por exemplo, o

papel diferenciado dos diferentes comportamentos agressivos (e.g., agressividade física, verbal, raiva, hostilidade) sobre a humilhação, o que poderá ter implicações ao nível da avaliação e intervenção precoce.

Conclusão

Esta investigação pretendeu analisar as relações entre a humilhação e as experiências negativas precoces, enquanto variável distante, e constructos semelhantes, como ideação paranoide, agressividade e vingança, pretendendo contribuir para uma melhor compreensão deste fenómeno frequente entre adolescentes, através do seu contributo a nível educativo.

Foi notório, ao longo do seu desenvolvimento, a falta de estudos relativos ao fenómeno Humilhação, o que parece transparecer uma falta da compreensão do conceito e das suas implicações na vida dos sujeitos, e a necessidade de o diferenciar do fenómeno de vingança, agressividade e ideação paranoide, explorando pontos de contacto e divergentes destes construtos. Seria ainda importante, numa investigação futura, diferenciar a Humilhação da Vergonha, construtos muitas vezes confundidos. Consideramos, fundamental o desenvolvimento de estudos que possam fomentar intervenções precoces através de estratégias de apoio aos estudantes que promovam a auto-avaliação e melhorar a visão de si mesmos.

Este estudo comporta algumas limitações que importa salientar. A recolha de dados foi baseada exclusivamente na administração de instrumentos de autorresposta, o que requer algum cuidado na sua interpretação, tendo em conta o conhecido efeito da desajustabilidade social nestas idades dos participantes. Outro aspeto, prende-se com o facto de se tratar de um estudo transversal de natureza correlacional e, por consequência, não permitir o estabelecimento de relações causais entre as variáveis em estudo. Sugere-se um aprofundamento deste tipo de pesquisa de forma a poder contribuir para um melhor conhecimento desta realidade na população portuguesa de jovens adolescentes, podendo contemplar outras variáveis contextuais e institucionais. A amostra utilizada no presente estudo, por ter sido recolhida na comunidade, não revelou níveis altos de experiências de vida negativas, o que pode contaminar ou comprometer algumas associações. Sugere-se, assim, a possibilidade de em investigações futuras se replicar o estudo em amostras de

adolescentes em risco (institucionalizados e sinalizados por vivências de maus tratos familiares).

Devido ao facto de no presente estudo terem sido encontradas diferenças entre o sexo masculino e feminino em quase todas as variáveis, e esta ideia não ser consensual na comunidade científica, principalmente quando os estudos são desenvolvidos em amostras da comunidade (Cale & Lilienfeld, 2006), torna-se essencial o desenvolvimento de mais investigação em relação à psicopatia no género feminino e masculino, no sentido de uma eventual diferenciação.

Por último, gostaríamos ainda de realçar a necessidade de estudos longitudinais, que permitam observar e avaliar em mais do que um momento ao longo do tempo, os quais poderão elucidar quanto aos fatores que levam os jovens a desenvolver e a manter este tipo de comportamentos, podendo assim apoiar na promoção de intervenções precoces.

A relevância do presente estudo passa pela escassez de investigação sobre a humilhação na adolescência, mais concretamente sobre possíveis variáveis associadas a esta vivência, contribuindo para uma melhor compreensão da mesma, tendo em conta o seu impacto negativo no desenvolvimento atual e posterior do indivíduo.

Referências Bibliográficas

- Alencar, H. M. de & La Taille, Y. de. (2007). Humilhação: o desrespeito no rebaixamento moral. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 59 (2), 217-231.
- Angold, A., & Costello, E. J. (2001). The epidemiology of disorders of conduct: Nosological issues and comorbidity. In J. Hill & B. Maughan (Eds.), *Conduct disorders in childhood and adolescence* (p. 126-168). New York, NY, US: Cambridge University Press.
- Bennett, D., Sullivan, M., & Lewis, M. (2005). Young children's adjustment as a function of maltreatment, shame, and anger. *Child Maltreatment*, 10 (4), 311-323. doi:10.1177/1077559505278619.
- Breslow, R., Klinger, B. & Erickson, B. (1999). The disruptive behavior disorders in the psychiatric emergency service. *General Hospital Psychiatry*, 21, 214-219.
- Buss, A. H., & Perry, M. P. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 452-459.
- Cale, E. M., & Lilienfeld, S. O. (2006). Psychopathic factors and risk for aggressive behavior: A test of the "Threatened Egotism" hypothesis. *Law and Human Behavior*, 30(1), 51-74. doi: 10.1007/s10979-006-9004-5.
- Camacho, L. M.Y. (2000). *Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si*. São Paulo. (Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo, São Paulo.)
- Cardoso, M.S., Francisco & Ramos, C.M., Ana (2014). *Humiliation inventory: Adaptation study for Portuguese population*. Manuscrito não publicado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Carvalho, C. (2009). *Psicose Esquizofrénica. Crenças Paranóides: exploração da sua Etiologia na população normal e em doentes com esquizofrenia*. Dissertação de Doutoramento não publicada, Universidade de Coimbra, Coimbra.

- Carvalho, C. B., Motta, C. Da, Cabral, J., & Caldeira, S. (2015). Atacar será a melhor defesa? A influência das experiências precoces e da paranoia na agressividade dos jovens Açorianos. *Revista de estudos e investigação en psicologia y educación*, 1(2), 47-53. doi: 10.17979/reipe.2015.2.1.105
- Castilho, P., Gouveia, J.P. & Amaral, V. (2010). Recordação das experiências de ameaça e subordinação na infância e psicopatologia: O efeito mediador do auto-criticismo. *Psychologica*, 52(2), 475-498. doi:0.14195/1647-8606_52-2_20
- Coelho, G. L. H., Monteiro, R. P., Hanel, P. H. P., Vilar, R., Gouveia, V. V., & Maio, G. R. (2018). Psychometric parameters of an abbreviated vengeance scale across two countries. *Personality and Individual Differences*. 120, 185–192. doi: 10.1016/j.paid.2017.08.042
- Cohen, J. (1992). *Statistical power analysis for the behavioural sciences*. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum Associates.
- Copeland-Linder, N., Johnson, S. B., Haynie, D. L., Chung, S. E., & Cheng, T. L. (2012). Retaliatory attitudes and violent behaviors among assault-injured youth. *Journal of Adolescent Health*, 50(3), 215–220. doi:10.1016/j.jadohealth.2011.04.005
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. Oxford, England: Norton & Co.
- Fenigstein, A. & Vanable, P. (1992). Persecutory ideation and selfconsciousness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62, 129– 138.
- Forsell, Y., & Henderson, A. S. (1998). Epidemiology of paranoid symptoms in an elderly population. *British Journal of Psychiatry*, 172(05), 429–432. doi:10.1192/bjp.172.5.429
- Freeman, D., Garety, P. A., Bebbington, P. E., Smith, B., Rollinson, R., Fowler, D., Kuipers, E., Ray, K., & Dunn, G. (2005). Psychological investigation of the structure of paranoia in a non-clinical population. *The British Journal of Psychiatry*, 186, 427–435.
- Gilbert, P., Cheung, M. S-P., Grandfield, T., Campey, F., & Irons C. (2003). Recall of

- threat and submissiveness in childhood: Development of a new scale and its relationship with depression, social comparison and shame. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 10, 108–115. doi:10.1002/cpp.359
- Gilbert, P., & Irons, C. (2005). Focused therapies and compassionate mind training for shame and self-attacking. In P. Gilbert (Ed.), *Compassion: Conceptualisations, research and use in psychotherapy* (p.263-325). London: Routledge
- Guimarães N., & Pasian S. (2006). Agressividade na adolescência: experiência e expressão da raiva. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 89-97.
- Hartlin, L. M., & Luchetta, T. (1999). Humiliation: Assessing the Impact of Derision, Degradation, and Debasement. *The Journal of Primary Prevention*, 19 (4), 259–278.
- Howell, D. (2006). *Statistical methods for psychology* (6^a ed.). USA: Thomson Wadsworth.
- Jackson, S. M. (1999). Issues in the dating violence research: a review of the literature. *Agression and violent behaviour*, vol. 4 , 2, pp. 233-247.
- Jäggi, L., & Kliewer, W. (2016). “Cause That’s the Only Skills in School You Need”: A qualitative analysis of revenge goals in poor urban youth. *Journal of Adolescent Research*, 31(1), 32–58. [doi:10.1177/0743558415569728](https://doi.org/10.1177/0743558415569728)
- Jankauskiene, R (2008). Associations between school bullying and psychosocial factors. *Social Behavior and Personality*, New Zealand. 2 (36), 145-162.
- Johns, L., Cannon, M., Singleton, N., Murray, R., Farrell, M., Brugha, T., et al. (2004). Prevalence and correlates of self-reported psychotic symptoms in the British population. *British Journal of Psychiatry*, 185, 298-305.
- Kashani, J. H., & Shepperd, J. A. (1990). Aggression in adolescents: the role of social support and personality. *Canadian Journal of Psychiatry*, 35(4), 311–315.
- Klein, D. (1991). The Humiliation Dynamic: An Overview. *The Journal Of Primary Prevention*, 2(12), 93-121.

- Kline, R. B. (2005). *Principles and practice of structural equation modeling* (2a ed.).
Nova York: Guilford.
- Leschied, A., Cummings, A., Brunshot, M., Cunningham, A. & Saunders, A. (2001).
Agression in adolescent girls: implications for policy, prevention and treatment.
Canadian Psychology, 42 (2), 200-215.
- Lewis, M. (1992). *Shame: the exposed self*. New York, NY, US: Free Press
- Lopes, B. & Pinto-Gouveia, J. (2005). *Questionário da agressividade*. Manuscrito não publicado.
- Lopes, B. C. S. (2010). *Paranoia e ansiedade social na população não clínica: Dois fenómenos diferentes*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia. Coimbra: Universidade de Coimbra. Acedido em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/17792>
- Marôco, J. (2018). *Análise Estatística com o SPSS Statistics.: 7ª edição*: ReportNumber, Lda.
- Matos M., & Pinto-Gouveia, J., (2009). Shame as a traumatic memory. *Clinical Psychology and Psychotherapy*. doi: 10.1002/cpp.659
- Maughan, B., Rowe R., Messer J., Goodman, R., & Meltzer, H. (2004) Conduct disorder and oppositional defiant disorder in a national sample: Developmental epidemiology. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45, 609-621. doi:10.1111/j.1469-7610.2004.00250.x
- Meneghel, S. N., Giugliani, E. J., & Falceto O. (1998). Relações entre violência doméstica e agressividade na adolescência. *Cad. Saúde Pública* 14(2),327-335.
- Muris, P., Meesters, C., & van den Berg, S. (2003). Internalizing and externalizing problems as correlates of self-reported attachment style and perceived parental rearing in normal adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 12, 171–183.
- Nansel T.R. (2001). Bullying behavior among US youth: prevalence and association with

- psychosocial adjustment. *Journal of American Medical Association*, Chicago, 16 (285), 2094-2100
- Nesbit, W. C. & Karagianis, L. D. (1987). Psychological abuse in the home and in the school. *Canadian Journal of Education*, 1 (12), 177-183.
- Pereira, B., Iossi Silva, M & Nunes, B. (2009). Descrever o Bullying na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, 28 (9), 455-466.
- Pereira, V. (2012). *A ideação paranoide na adolescência. Um Enfoque Comunitário*. Dissertação de Mestrado não publicada, Ciências da Educação, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Portugal.
- Pestana, M. J., & Gageiro, J. N. (2003). *Análise de dados para ciências sociais. A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Sílabo.
- Pestana, M. J., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais. A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Sílabo.
- Piko, B. (2001). Gender differences and similarities in adolescents' ways of coping. *Psychological Record*, 51(2), 223-235.
- Pinto-Gouveia, J., & Matos, M. (2011). Can shame Memories Become a Key to Identity? The Centrality of Shame Memories Predicts Psychopathology. *Applied Cognitive Psychology*, 25, 281-290. doi:10.1002/acp.1689.
- Pinto-Gouveia, J., Matos, M., Castilho, P., & Xavier, A. (2012). Differences between Depression and Paranoia: The Role of Emotional Memories, Shame and Subordination. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 20, 1-13.
- Pinto-Gouveia, J. P., Xavier, A., & Cunha, M. (2016). Assessing Early Memories of Threat and Subordination: Confirmatory Factor Analysis of the Early Life Experiences Scale for Adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 26(1), 54–64. doi: [10.1007/s10826-015-0202-y](https://doi.org/10.1007/s10826-015-0202-y).

- Prinstein, M. J., Boergers, J., & Vernberg, E. M. (2001). Overt and relational aggression in adolescents: Social-psychological adjustment of aggressors and victims. *Journal of Clinical Child Psychology*, 30, 479-491.
- Roelofs, J., Meesters, C., ter Huurne, M., Bamelis, L., & Muris, P. (2006). On the links between attachment style, parental rearing behaviors, and internalizing and externalizing problems in nonclinical children. *Journal of Child and Family Studies*, 15, 319–332. doi:10.1007/s10826-006-9025-1.
- Salekin, R., Rogers, R., & Machin, D. (2000). Psychopathy in youth: pursuing diagnostic clarity. *Journal of Youth and Adolescence*, 30(2), 173-195. doi: 10.1023/A:1010393708227
- Salekin, R.T. (2006). Psychopathy in children and adolescents: key issues in conceptualization and assessment. In Patrick, C. (Eds.), *Handbook of Psychopathy* (p.389-414). The Guilford Press: New York
- Sánchez Santa-Bárbara, E. (2005). Aproximación psicosocial al estudio de la violencia escolar. Em E. Zafra & M. Martos. *Violencia en las aulas*. Jaén: Ediciones del Lunar.
- Silver, M., Conte, R., Miceli, M., & Poggi, I. (1986). Humiliation: Feeling, social control and the construction of identity. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 16(3), 269-283. doi:10.1111/j.1468-5914.1986.tb00080.x
- Silverthorn, P. (2001). Oppositional defiant disorder. In H. Orvaschel, J. Faust, & M. Hersen (Eds.), *Handbook of conceptualization treatment of child psychopathology* (p 41-56). Amsterdam: Pergamon Press.
- Steinberg, L. (2005). Cognitive and affective development in adolescence. *Trends in Cognitive Sciences*, 9(2), 69-74.
- Storvoll, E. & Wischstrom, L. (2002). Do the risk factors associated with conduct problems in adolescents vary according too gender? *Journal of Adolescence*, 25, 183-202.
- Stuewig, J., & McCloskey, L. (2005). The Relation of Child Maltreatment to Shame and

Guilt Among Adolescents: Psychological Routes to Depression and Delinquency. *Child Maltreatment*, 10, 324-336. doi:10.1177/1077559505279308.

Tabachnick, B., & Fidell, L. (2007). *Using multivariate analysis*. Needham Heights:

Allyn & Bacon.

Tremblay, R. (2000). The development of aggressive behaviour during childhood: What have we learned in the past century? *International Journal of Behavioural Development*, 24, 129-141.